

Percepção das atletas do futebol feminino em relação à prática da modalidade no Brasil

Perception of female soccer athletes in relation to the practice of the modality in Brazil

Percepción de atletas de fútbol femenino en relación a la práctica de la modalidad en Brasil

Recebido: 20/04/2022 | Revisado: 01/05/2022 | Aceito: 09/05/2022 | Publicado: 14/05/2022

Gisele Maria da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3008-1062>

Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: gisele.silva@saojudas.br

Heloise Aparecida Secco

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6814-4938>

Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: seccoheloise@gmail.com

Tatiana de Cássia Nakano

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5720-8940>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil

E-mail: tatiananakano@hotmail.com

Resumo

Diante das dificuldades que o futebol feminino ainda enfrenta no Brasil, o presente estudo teve, como objetivo, compreender a percepção das atletas praticantes de futebol feminino brasileiro acerca da motivação e aspectos que favorecem a prática e inserção no esporte, bem como as dificuldades e desafios na profissionalização. A amostra foi composta por cinco atletas do sexo feminino com idades entre 18 e 26 anos ($M = 21,01$; $DP = 2,94$), as quais participaram de uma entrevista individual, conduzida a partir de cinco questões abertas. Por meio da análise de conteúdo, foi possível verificar diferentes desafios enfrentados, relacionados à falta de suporte que encontram em sua prática, machismo predominante, falta de recursos, distância da família, além da desigualdade de gênero. Por outro lado, indicaram o apoio do núcleo familiar para a participação na modalidade, e uma visão positiva de futuro, marcada pela esperança em avanços relacionados à melhores condições de prática e desenvolvimento da modalidade, que vêm sendo alcançados nas últimas décadas.

Palavras-chave: Esporte; Psicologia do esporte; Mulheres.

Abstract

Because women's soccer still faces many challenges in Brazil, the present study sought to understand the perceptions and perceptions of Brazilian women's soccer athletes about motivation and aspects that favor participation in sports as well as obstacles and challenges that arise with professionalization. Participants consisted of five female athletes aged between 18 and 26 years old ($M = 21,01$; $SD = 2,94$) who participated in an interview based on five open-ended questions. By means of content analysis, it has been possible to verify that different challenges are faced, including a lack of support in the field, predominance of machismo, insufficient resources, distance from the family, and gender inequality. They indicated the support of the family nucleus for participation in the modality, and a positive vision of the future, marked by hope in advances related to better conditions of practice and development of the modality, which have been achieved in recent decades.

Keywords: Sport; Sport psychology; Women.

Resumen

Frente a las dificultades que aún enfrenta el fútbol femenino en Brasil, el presente estudio tuvo como objetivo comprender la percepción de las atletas brasileñas de fútbol femenino sobre la motivación y los aspectos que favorecen la práctica y la inserción en el deporte, así como las dificultades y desafíos en la profesionalización. La muestra estuvo compuesta por cinco deportistas de sexo femenino con edades entre 18 y 26 años ($M = 21,01$; $DT = 2,94$), que participaron en una entrevista individual, basada en cinco preguntas abiertas. A través del análisis de contenido, fue posible verificar diferentes desafíos enfrentados, relacionados con la falta de apoyo que encuentran en su práctica, el machismo predominante, la falta de recursos, la distancia de la familia, además de la desigualdad de género. Por otra parte, señalaron el apoyo del núcleo familiar a la participación en la modalidad, y una visión positiva del futuro, marcada por la esperanza en los avances relacionados con mejores condiciones de práctica y desarrollo de la modalidad, que se han logrado en las últimas décadas.

Palabras clave: Deporte; Psicología del deporte; Mujer.

1. Introdução

Nos últimos 20 anos faz-se notar um crescimento significativo da participação feminina no futebol, o qual pode ser notado pelo número de jogadoras registradas: 10.000 em 1993 e 2.050.000 em 2017 (Clarkson, Cox, & Thelwell, 2019). Entretanto, apesar do futebol ser o esporte mais popular em quase todos os países da América Latina e constituir-se em um objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, a maior parte das investigações concentra-se, até hoje, na hegemonia do esporte praticado por homens (Wood, 2018), de modo que se faz notar uma carência de estudos sobre o lugar da mulher no futebol (Gelen & Comert, 2021).

Durante muito tempo, o interesse e a participação das mulheres no futebol foram encarados como antinatural e um tabu que pode ser compreendido perante o estereótipo de que esse esporte seria exclusivo para os homens, gerando discriminação, provocação e percepções negativas da mulher que pratica futebol. Com o passar do tempo e com a popularidade do esporte no país, foi determinado pela sociedade que o esporte seria restrito a homens e criou-se a imagem de que mulheres que acompanhavam o futebol não tinham o devido valor (Witter, 1990).

A ausência histórica das mulheres e as posições privilegiadas dos homens no futebol acabou por fazer com que as jogadoras se tornassem invisíveis, sendo excluídas de competições organizadas, expostas a atitudes conservadoras e atitudes estereotipadas, dentro de uma situação marcada pela desigualdade de gênero (Clarkson et al., 2019). Como socialmente a mulher era tida como frágil e taxada de incapaz de executar algumas atividades, no decorrer dos anos ficou fácil utilizar esse discurso para deixar as mulheres de fora de atividades esportivas. Esse discurso cultural virou arma diante da exclusão da mulher do esporte (Januário, 2015), juntamente com a existência de diversos mitos (o futebol pode transformar uma mulher em homem, o esporte pode colocar em risco a saúde das mulheres e que as mulheres não têm capacidade de competir) (Ariyanto, 2017), surgindo estereótipos e apelidos pejorativos para se referir à prática feminina (Terossi, D'Angelo & Stilli, 2009). Durante muito tempo, a participação das mulheres no esporte ficava restrita em entregar os prêmios aos homens, exibindo belos corpos e criando uma imagem sensualizada do corpo feminino (Januário, 2015). Ou ainda, em muitos casos, como por exemplo nos Estados Unidos, a mulher acaba se limitando ao papel de líder de torcida (Grace & Mueller, 2019).

O fato é que, durante o período em que as mulheres brigavam para participarem de modalidades esportivas, havia um medo inoportuno de que, a partir do momento em que começassem a se exercitarem, utilizar roupas leves e ao ganhar mais músculos provenientes da prática esportiva, a mulher perderia sua imagem feminina e seu corpo sofreria uma masculinização, ou seja, não era o papel e muito menos a imagem da mulher (Terossi et al., 2009). Mas essa determinação imposta pela sociedade não foi suficiente para impedir que as mulheres que se identificavam com a prática esportiva e se sentiam atraídas pelo esporte mais popular do país iniciassem sua prática.

A década de 80 registrou o surgimento de times femininos no país, marcando-se pela criação de competições como forma de inclusão de mulheres na modalidade (Goellner, 2005). Ainda assim, o número de mulheres praticantes era extremamente inferior se comparado ao número de homens que praticavam futebol, principalmente dentro de clubes (Teixeira & Caminha, 2013). Desde então, mudanças importantes têm sido visualizadas, indicando que o foco na igualdade de gênero tem possibilitado novas compreensões do lugar da mulher em relação ao futebol, especialmente após 1991, ocasião em que a primeira edição da Copa América Feminina foi realizada (Wood, 2018).

Em 2004, após a medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas, a modalidade feminina recebeu atenção do público brasileiro pela primeira vez no século (Haag, 2018). A inclinação pelo interesse sobre a prática de mulheres, fortaleceu o questionamento de alguns aspectos, como os comentários maldosos e preconceituosos que eram disparados às atletas adeptas do futebol, assim como reflexões sobre a capacidade física e técnica para a prática do esporte (Pisani, 2014). Embora o apoio tenha aumentado significativamente, muitos homens que acompanham o futebol masculino ainda usam da imagem

estereotipada da mulher dentro do cenário futebolístico para desferir comentários carregados de preconceitos (Stahlberg, 2011).

A dificuldade das mulheres de acesso ao preparo, desde as categorias de base, atrelado com o preconceito direcionado ao público feminino que adere ao futebol resulta, em muitos casos, no abandono do esporte (Almeida & Pisani, 2015). Isso sem contar a questão relacionada à diferença salarial, visibilidade, tratamento e oportunidades entre homens e mulheres que jogam profissionalmente, as quais persistem ao longo do tempo, apesar do aumento considerável da participação feminina no esporte (Magalhães et al., 2021; Oliveira & Maldonado, 2020).

Apesar do Brasil ser considerado o país do futebol, nota-se a associação imediata desse esporte à prática masculina, deixando as mulheres à margem de uma posição de visibilidade e respeito (Souza et al., 2019), de modo que o cenário brasileiro contrasta com o contexto internacional. Na Austrália, por exemplo, uma forte cultura em torno do futebol feminino teve início a partir da formação de uma associação nacional em 1974 (McGowan, 2019). Do mesmo modo, na Alemanha e Noruega, as equipes de futebol feminino têm se mostrado bem-sucedidas e amparadas por associações nacionais de futebol, tendência em grande parte da Europa (Strittmatter & Skirstad, 2017). Até na Turquia, um país bem rígido em relação às mulheres, existe um torneio e liga privada de futebol feminino, com o objetivo de empoderar as mulheres (Nuhurat, 2021). Consequentemente, vê-se, no contexto globalizado, um movimento de profissionalização, comercialização e midiaticização do futebol feminino (Alisson & Pope, 2021).

Apesar de avanços percebidos, diversas dificuldades ainda são relatadas, incluindo-se a limitação na atuação não só como jogadoras, mas também, como treinadoras no esporte (Lewis, Roberts, & Andrews, 2018), em cargos de gerência em equipes (Gelen & Comert, 2021) ou ainda como narradoras esportivas (Frase, 2021), de modo a sugerir que o gênero é um fator que influencia, diretamente, o crescimento da carreira das treinadoras (Clarkson et al., 2019). Essa desigualdade de condições sempre se mostrou um obstáculo ao longo da carreira das mulheres no esporte.

Todos esses aspectos impactam, diretamente, no desempenho das atletas, envolvendo questões emocionais como problemas relacionados à motivação, busca pelo perfeccionismo, à quebra do estereótipo de fragilidade, (Rinaldi, 2020), resultando na necessidade e importância de um olhar cuidadoso com esse grupo. Nesse sentido, a Psicologia do Esporte, tem como objetivo ajudar no enfrentamento das dificuldades vivenciadas no esporte, oferecendo suporte social e ajuda (Silva, Santos & Nakano, 2022). A ausência de estudos voltados à investigação dos motivos que levam as mulheres a jogar futebol (Muñoz et al., 2018), justifica a relevância do estudo aqui apresentado, especialmente se considerarmos que diversas barreiras ainda se fazem presentes. Diante desse quadro, o estudo teve por objetivo compreender a percepção das atletas praticantes de futebol feminino brasileiro acerca da motivação e aspectos que favorecem a inserção e prática esportiva, bem como as dificuldades e desafios na profissionalização.

2. Metodologia

O presente estudo apresentou-se como pesquisa de campo de cunho qualitativo. Constituiu-se a partir da aplicação de questionário sociodemográfico e execução de entrevista semiestruturada realizada com atletas do sexo feminino que compõem equipes brasileiras do futebol feminino na categoria profissional.

Participantes

A amostra foi composta por cinco atletas do sexo feminino com idades entre 18 e 26 anos ($M = 21,01$; $DP = 2,94$). Dentre elas, duas participantes concluíram o ensino superior e, as demais, possuíam ensino médio; quatro delas atuavam em

clubes do estado localizados no Estado de São Paulo e uma atuava no Distrito Federal. Visando preservar o anonimato das participantes, os nomes foram codificados com a letra “P” seguido de números de 1 a 5.

Como critérios de inclusão foram considerados: atletas com no mínimo cinco anos de atuação no futebol de campo, atuantes na categoria profissional, devidamente federadas por uma instituição esportiva, com idade superior a 18 anos. Foram exclusas da pesquisa, atletas em nível amador e/ou que, porventura, alegaram estar próximas da transição de carreira.

Instrumentos

As atletas participaram de uma entrevista, individual, em dia, horário e local de sua conveniência. Na ocasião, forneceram dados sociodemográficos para caracterização da amostra e responderam a um roteiro semiestruturado, contendo cinco questões: (1) Como você avalia o Futebol Feminino no Brasil?, (2) O que fez você escolher jogar futebol e o que isso significa para você?, (3) Quais suas expectativas de futuro em relação à prática da modalidade feminina do futebol?, (4) Você identifica desafios na sua profissão enquanto atleta da modalidade feminina do futebol? Quais?, (5) Você avalia haver igualdade perante a modalidade masculina do futebol?

Procedimentos

O projeto de pesquisa foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade São Judas Tadeu (CAAE: 40821920.3.0000.0089). Inicialmente, diversos clubes brasileiros que possuem equipes de futebol feminino foram contactados, ressaltando-se o número ainda reduzido de equipes profissionais. Somente um deles, localizado no Estado de São Paulo, autorizou a realização da pesquisa. As participantes foram contatadas por telefone para convite e esclarecimento dos objetivos da pesquisa. É importante ressaltar que a maior parte das atletas recusou o convite, argumentando não se sentirem a vontade para conversarem remotamente e pelo fato das entrevistas serem gravadas. Desse modo, a amostra acabou sendo composta por um número reduzido de participantes.

Dentre aquelas que aceitaram participar, foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual deveria ser lido e assinado antes da realização da entrevista. Cada entrevista teve um tempo médio de duração de 25 minutos e foi conduzida por uma das pesquisadoras, sendo gravada para posterior transcrição.

Análise de Dados

Os dados foram analisados através da proposta de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), a fim de sumarizar e categorizar os relatos das participantes. Foram propostas as seguintes etapas: a) *pré-análise*: que consiste na análise exaustiva do material, a fim de sistematizar os dados coletados e levantar as primeiras impressões e hipóteses; b) *análise exploratória*: com o objetivo de captar os temas recorrentes nas diferentes entrevistas e categorizá-los, possibilitando a união de elementos que possuem similaridades e podem ser dispostas por classes ou séries; c) *inferências e interpretações*: que buscam identificar os conteúdos manifestos e recorrentes descritos nas categorias, para compreensão dos fenômenos. As respostas das participantes foram agrupadas de acordo com a semelhança entre os conteúdos sendo que, tal etapa contou com a participação de duas das pesquisadoras, ocorrendo a elaboração das categorias e classificação de forma consensual.

3. Resultados e Discussão

A primeira pergunta (“Como você avalia o futebol feminino no Brasil?”) buscou compreender qual a avaliação das atletas sobre a modalidade. As respostas obtidas foram agrupadas em duas categorias: *falta de suporte* e *modalidade em evolução*.

A categoria *falta de suporte* representou discursos relacionados à ausência de recursos em relação à formação, competições e condições de trabalho, além de sinalizar a maneira desigual que a modalidade feminina é tratada em comparação com a masculina. Os relatos das participantes P1, P4 e P5 ilustram claramente essa categoria.

“[...] Eu passei boa parte da minha carreira no exterior, mas eu saí do Brasil justamente pela falta de profissionalismo que eu vejo na modalidade [...]” (P1)

“[...] Eu acho que o futebol feminino deixa muito a desejar em competições, categorias de base [...]” (P4)

“[...] A gente não é valorizada como o masculino, a gente não tem o que o [futebol] masculino tem, não somos vistas como o masculino é visto [...]” (P5)

Relatos similares aos das participantes já haviam sido evidenciados em estudos realizados por Haag (2018), nos quais a autora apontou que o futebol feminino no Brasil ainda é tratado de forma amadora, uma vez que muitas atletas acabam desenvolvendo, simultaneamente, outras atividades profissionais. Outros autores também destacam o fato de que a popularidade do futebol no país e a exposição dos jogadores na mídia ainda é quase que exclusivamente voltada para a modalidade masculina, enaltecendo o investimento salarial e trazendo uma valorização desproporcional se comparada com a modalidade feminina (Alencar et al., 2020; Costa & Abreu, 2016). Nesse sentido, a luta pela igualdade de gênero no futebol, em termos de salário, empregabilidade, respeito e oportunidades ainda se faz presente, condições que geram muitas barreiras para a prática feminina, especialmente se considerarmos que as prioridades dos clubes ainda são os times masculinos (Oliveira & Maldonado, 2020).

De acordo com as participantes, outro aspecto relatado se refere à *evolução da modalidade no país*, observada ao longo dos últimos anos, classificada como segunda categoria de respostas. Essa situação pode ser identificada no relato da P2:

“[...] Vem evoluindo bastante em comparação com quando eu iniciei na modalidade. As pessoas que estão há mais tempo na modalidade, devem concordar comigo [...] Ainda não está tão bom para se trabalhar, mas já dá para pensar em coisas boas sobre o futebol feminino no Brasil, ter mais sonhos no futebol feminino do Brasil [...]”

O que se nota é que essas mudanças percebidas se relacionam, diretamente, a uma série de normativas voltadas à igualdade de gênero no contexto esportivo. Dentre os principais marcos podem ser citados o ano de 1991 com a realização da primeira Copa América Feminina (Wood, 2018), a primeira medalha de prata nas olímpiadas de 2004 (Haag, 2018) e, especialmente, em 2016, ocasião em que a FIFA divulga o “Estatuto de la FIFA” (Almeida, 2019). Tal documento defende a proibição da discriminação, assegurando as representatividades democráticas e igualdade de gênero no futebol nas confederações nacionais. No contexto sul-americano, a Confederação Sul-Americana de Futebol, em seu estatuto, passou a determinar que os clubes que desejassem obter autorização para participar das principais competições do continente (como a Libertadores e Sul-Americana), deveriam criar equipes para a modalidade feminina ou associar-se à clubes que já possuíssem esta categoria atuando em competições oficiais (Almeida, 2019). O crescimento no número de atletas femininas no esporte confirma essa alteração (Clarkson et al., 2019).

A segunda pergunta buscou entender quais os motivos contribuíram para que as atletas escolhessem jogar futebol (“O que fez você escolher jogar futebol e o que isso significa para você?”). As respostas obtidas foram agrupadas em duas categorias: *Sustento Familiar* e *Incentivo Positivo da Família*. A primeira categoria, que visualiza o **sustento familiar** como um dos motivos para a prática do esporte é bem ilustrado nas falas das participantes P2 e P3.

“[...] É o que, querendo ou não, ajuda a sustentar a minha família, então para mim é tudo [...]” (P2)

“[...] É do que eu sustento a minha família, então eu até brinco que hoje eu não posso parar e fazer outra coisa que não seja jogar futebol [...]” (P3)

É interessante observar que, de modo geral e desde cedo, o futebol se mostra uma aposta estratégica como ocupação remunerada para as camadas mais populares, visualizado como uma possibilidade de mobilidade social e econômica do indivíduo e da sua família (Soares et al., 2011). No entanto, na maior parte dos casos, esse desejo não se concretiza dados os baixos salários praticados no Brasil, ainda marcado pela disparidade em termos de promoção e salário entre os gêneros, sendo os homens mais bem remunerados do que as mulheres no exercício da mesma função (Magalhães et al., 2021). Segundo dado apresentado por Archer e Prange (2019), em 2017, o salário médio das jogadoras correspondia a um centésimo da média do salário masculino em competições com níveis equivalentes ou ainda os resultados da pesquisa conduzida por Magalhães et al. (2021), segundo os quais, a média de salário das mulheres representa apenas 6% dos homens, os quais chegam a receber 169 vezes mais, apesar de apresentarem mesmo índice de eficiência.

Com o propósito de mudar esse cenário, no ano de 2020, a Confederação Brasileira de Futebol divulgou uma nota afirmando igualar os prêmios e pagamentos feitos aos atletas que estivessem à serviço da Seleção Brasileira. Com isso, muitas atletas puderam utilizar o futebol como única fonte de renda. Entretanto, muitas atletas lidam com insatisfação com a remuneração (Rossi et al., 2016) precisando exercer outras atividades laborais para complementar a renda (Pisani, 2014), tendo ainda que conciliar o trabalho no esporte com os afazeres domésticos (Magalhães et al., 2021).

O segundo motivo apontado pelas participantes para a prática do futebol envolve o *incentivo positivo da família*. Esta categoria sinalizou a influência por parte dos familiares despertando interesse no futebol, representada na fala das participantes P2, P3 e P5.

“[...] Eu cresci com isso, meus pais sempre me ajudaram com isso, me incentivaram a fazer o que eu gosto [...]” (P2)

“[...] Foi por influência da minha família que adora o esporte, é muito ligada no futebol [...]” (P3)

“[...] Lá em casa sou eu e mais cinco irmãos e todos jogavam futebol. Então eu nasci inserida nesse meio [...]” (P5)

Pelo que pode ser visto nos relatos, o incentivo familiar é um dos fatores que possibilitam a prática e a permanência da atleta no esporte, além de ser fundamental para a estruturação emocional (Brito, 2019; Martins et al., 2020). Embora ainda haja diferenças entre o incentivo por parte da família para homens e para mulheres, Brito (2019) ressalta que este paradigma vem sendo quebrado durante a trajetória do papel social da mulher. No entanto, essa nem sempre é a realidade vivenciada. Alguns autores ainda ressaltam que, além das péssimas condições para jogar, algumas mulheres ainda não possuem o apoio da família, especialmente as mais jovens que ainda se vêm obrigadas a conciliar a ajuda às mães nos trabalhos domésticos e na escola (Oliveira & Maldonado, 2020). No caso das atletas que participaram da pesquisa, a família parece ser um fator diferencial tanto para o início quanto para a manutenção da prática esportiva no futebol.

A terceira pergunta buscou conhecer a percepção das participantes sobre as expectativas de futuro da modalidade feminina do futebol. As respostas obtidas apontaram para o *desenvolvimento da modalidade*, representando o interesse em investimentos relacionados à formação, valorização, crescimento e à adesão de uma identidade própria. A fala da P3 exemplifica bem diversos aspectos importantes e avanços necessários.

“[...] Minha expectativa é que cada vez mais meninas queiram jogar futebol e possam jogar futebol. Que se desenvolvam questões de categorias de base, uma deficiência que temos hoje [...] se você for em qualquer clube, um menino já faz escolinha de um time grande de camisa desde os 7 anos de idade e as meninas não [...] então você vê que as meninas têm dificuldades para se desenvolver desde pequenas [...] Eu torço para que no futuro a gente possa focar mais nessa parte de formação para termos mais meninas e meninas boas [...]”

Devido a falta de categorias de base para o futebol feminino, se comparado com o masculino, muitas atletas tendem a aceitar condições precárias de treinamento ou acabam se adequando e treinando com os meninos para evolução no futebol

(Haag, 2018). Costa e Abreu (2016) trazem, ainda neste contexto, uma importante situação que envolve as meninas do alto rendimento que almejam compor uma equipe na modalidade profissional. É mais comum que essas meninas não almejem somente tornar-se atleta profissional, há quase sempre uma intenção de continuar os estudos como um plano “B”, divergindo com a carreira dos meninos, dentre os quais, é comum o relato de dificuldade em conciliar treinos e continuação dos estudos (Rossing et al., 2020). Consequentemente, faz-se notar uma alta expectativa com a carreira no esporte e pouca atenção ao planejamento de uma carreira não esportiva futura (Marques & Samulski, 2009). Ainda de acordo com os autores, a maioria dos atletas apresentam-se com o nível escolar defasado com relação à série correspondente a idade, e mais da metade, em algum momento, necessita se ausentar da escola para dedicar-se a modalidade praticada. Tal situação parece menos frequente no futebol feminino.

A quarta pergunta investigou a identificação de desafios por parte das atletas, as respostas obtidas foram classificadas nas categorias *machismo*; *falta de recursos* e *distância da família*. A categoria ***machismo*** representou um dos desafios vivenciados na prática futebolística feminina, cujo ainda está presente na sociedade e principalmente no futebol. Duas participantes apontaram o machismo como desafios para a execução da profissão no esporte:

“[...] *Tem o fato de ser mulher e ainda enfrentar comentários machistas, principalmente nas redes sociais [...]*” (P1)
“[...] *Só pelo fato de sermos mulheres já é um desafio, porque todo mundo vê o futebol como esporte para homem [...]*” (P2)

Ainda com predominância masculina, a questão de gênero faz com que o futebol feminino seja utilizado em tom pejorativo perante a modalidade masculina, ou seja, ressaltando que o futebol não é coisa para mulher (Bandeira & Seffner, 2018; Januário, 2015). Os comentários apresentados pelas participantes ilustram claramente os tabus e mitos que ainda se fazem presentes (Arivanto, 2017), reforçando o estereótipo de que o futebol é um esporte para homens (Clarkson et al., 2019; Grace & Mueller, 2019). Apesar de pequenas mudanças começarem a serem visualizadas, podendo-se citar, como exemplo, a campanha realizada pelo Sport Club Corinthians Paulista em 2018. Na ocasião, a instituição promoveu uma campanha contra o preconceito sofrido pelas atletas da modalidade feminina, sendo que, na primeira rodada do Brasileirão Feminino, os jogadores entraram em campo com frases machistas retiradas da internet estampadas em seu uniforme, no lugar dos logotipos dos patrocinadores (Bonetto, 2019). Apesar de importante, a igualdade de gênero ainda está longe de ser alcançada no futebol (Souza et al., 2019).

A segunda categoria relacionada aos principais desafios foi nomeada como ***falta de recursos*** e representou a dificuldade enfrentada pelas atletas para ingressar na modalidade feminina do futebol devido à falta de recursos e incentivo por parte dos clubes, evidenciados na fala a seguir.

“[...] *Um problema que tinha na instituição que atuei era que eles não tinham alojamento. Se você viesse de outra cidade, você bancava praticamente toda a sua estadia [...]* Para não falar que não recebíamos nada, nós o valor da passagem de ônibus para chegar ao treino e recebia um lanchinho depois do treino [...]

(P3)

Tal fala ilustra bem a situação relacionada à diferença salarial, visibilidade e oportunidades diferenciadas entre homens e mulheres no futebol (Magalhães et al., 2021; Oliveira & Maldonado, 2020). No Brasil, o que se vê, na prática, é o futebol feminino à margem de uma posição merecedora de visibilidade e respeito, em iguais condições ao masculino (Souza et al., 2019). Essa situação se mostra bem diferente da encontrada no cenário internacional. Balardin et al., (2018) ressaltam que as atletas que ocupam a modalidade profissional do futebol feminino nos Estados Unidos possuem, já durante sua formação, ajudas financeiras para viagens, transporte, hospedagem e afins, além de assistência à sua saúde física e mental, enquanto no Brasil, os clubes buscam hotéis de baixo custo ou alocam as atletas em escolas ou ginásios e as atletas quase sempre dependem

do Sistema Único de Saúde (SUS) para cuidar de sua saúde. Esta falta de recursos influencia diretamente o resultado dentro dos gramados, uma vez que acaba por exigir, delas, maior esforço para manter sua carreira de atleta (Januário, 2015).

A terceira dificuldade indicada pelas participantes se refere à *distância da família*. É comum que muitas atletas precisem migrar de sua cidade natal para ingressar profissionalmente em um clube, dificuldade ressaltada pela fala da P5:

“[...] Meu maior desafio foi e sempre vai ser viver longe da família, largar tudo para viver um sonho que a gente não tem certeza de que vai dar certo [...]”

Apesar dessa preocupação relacionado ao distanciamento da família ter aparecido na fala das participantes do estudo, ela também acontece no sexo masculino (Rossing et al., 2020). Migrar de sua cidade natal, faz que o atleta tenha a impressão de que deve assumir a responsabilidade de cuidar de si próprio, gerando sofrimento. Além disso, a experiência de distanciamento da família e sua cidade natal é vivenciada pelos atletas como experiências de saudade e angústia (Salomão et al., 2014).

De modo geral, a família provém recursos e encoraja o atleta a enfrentar as demandas da modalidade praticada (Massa et al., 2010), de maneira que, de acordo com Mendes et al., (2017), o apoio recebido por parte da família se mostra de extrema relevância na trajetória esportiva, visto que também atua como principais catalizadores para a prática da modalidade, por meio de suporte emocional, logístico, instrumental e econômico oferecido, tanto no início quanto na continuidade da carreira esportiva (Celestino et al., 2019).

Por fim, a quinta pergunta questionou o fato de haver igualdade perante a modalidade masculina de futebol. As respostas indicaram, em sua maioria, a percepção de *ausência de igualdade* no comparativo da modalidade feminina e masculina no futebol.

“[...] Acho que falta muito para termos igualdade. Muita gente acha que o que queremos é o salário que o masculino tem, e a realidade não é bem essa. Nós queremos o mesmo investimento, a mesma visibilidade [...]” (P3)

Se analisarmos o histórico do futebol no Brasil e sua popularidade, veremos que a modalidade feminina não se desenvolveu da mesma forma como se desenvolveu a masculina. Com a luta feminista, alguns direitos foram conquistados, entretanto quando o assunto é voltado para igualdade salarial, esta batalha ainda não foi vencida (Oliveira & Maldonado, 2020).

De modo geral, a situação do futebol feminino no Brasil é bem representada na fala de Oliveira e Maldonado (2020): “a história da mulher no futebol está fortemente marcada pela proibição e discriminação em seu passado. Esse fenômeno, atrelado ao preconceito de gênero na sociedade, causa a grande desigualdade de visibilidade, salário e mérito no futebol masculino e feminino” (p. 17).

4. Considerações Finais

Esta pesquisa possibilitou verificar que, de acordo com a percepção das atletas que atuam na modalidade feminina do futebol de campo, a escolha pela modalidade é influenciada pelo incentivo positivo da família e pela possibilidade da remuneração profissional contribuir no sustento desta. Embora haja apoio social do núcleo familiar para a prática esportiva e o reconhecimento dos avanços alcançados nos últimos anos, ainda é observado alguns desafios para a prática da modalidade, como a falta de suporte, em especial, ao que tange os recursos destinados à formação de novas atletas, estrutura de competições, remuneração e condições adequadas de trabalho. Percebem que há desigualdade de gênero, o que pode estar associado a forma negativa que é vista a participação da mulher no futebol.

Diante do cenário atual, foi observado o desejo das atletas em relação ao desenvolvimento da modalidade, maior adesão de mulheres ao futebol e maior investimento nos centros de formações. Esses pontos, podem contribuir no processo de crescimento da modalidade no país, deixando-a mais atrativa e, assim, obter maior interesse dos investidores.

O conhecimento dos motivos que levam as mulheres a praticar o futebol, apesar de tantas barreiras ainda existentes, justifica a relevância dos dados aqui apresentados, os quais podem ser usados como base para a elaboração de programas de intervenção adequados às necessidades e motivos das atletas, de modo a propiciar uma maior aderência e menor abandono do esporte.

Algumas limitações do estudo envolvem o tamanho reduzido da amostra, bem como a predominância de atletas do Estado de São Paulo. Os critérios de inclusão adotados restringiram bastante o número de participantes (cinco anos ou mais de atuação na modalidade, a nível profissional e com idade superior aos 18 anos). Desse modo, a percepção aqui apresentada pode ter sido influenciada pela opinião da amostra aqui envolvida, de modo a transparecer somente parte da realidade ou ainda estar sujeita a algum tipo de viés.

Nesse sentido, recomenda-se a ampliação e diversificação da amostra, envolvendo, em estudos futuros, atletas em fase de formação, que atuam em níveis amadores, não federadas, de diferentes regiões do país, de modo a refletir, de forma mais ampla, a temática aqui abordada. Do mesmo modo, pode-se pensar em estudos quantitativos, que façam a avaliação de construtos relacionados, por exemplo, a projetos de vida, bem-estar, satisfação com a vida, resiliência, autoeficácia, dentre outros.

Referências

- Allison, R., & Pope, S. (2021). Becoming Fans: Socialization and Motivations of Fans of the England and U.S. Women's National Football Teams. *Sociology of Sport Journal*, 1-11. <https://doi.org/10.1123/ssj.2021-0036>
- Alencar, A. A., Silva, A. S., Silva Neto, E. J., Monteiro, M. S., & Gama, S. C. (2020). As seleções brasileiras de futebol feminino e empoderamento das mulheres. *Revista Ensino Saúde e Biotecnologia da Amazônia*, 2, 61-66. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/resbam/article/view/6592/6304>
- Almeida, C. S., & Pisani, M. D. S. (2015). Carreiras e profissionalismo após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. *Labrys, études féministes/estudos feministas*, 28, 1-20.
- Almeida, C. S. de. (2019). O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. *FuLiA/UFMG*, 4(1), 72-87. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.4.1.72-87>
- Archer, A., & Prange, M. (2019) 'Equal play, equal pay': moral grounds for equal pay in football. *Journal of the Philosophy of Sport*, 46(3), 416-436. <https://doi.org/10.1080/00948705.2019.1622125>
- Aryianto, A. (2017). Gender Construction of Women as Maung Geulis in Indonesian Football. *Humaniora*, 8(1), 89-95. <https://doi.org/10.21512/humaniora.v8i1.3699>
- Balardin, G. F., Voser, R. C., Duarte, M. A. S. J., & Mazo, J. Z. (2018). O futebol feminino no brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, 10(36), 101-109. Recuperado de: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/549>
- Bandeira, G. A., & Seffner, F. (2018). Como homens narra a presença feminina nos estádios de futebol. In *Resumos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade*. Rio Grande, RS: Ed. da FURG.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70
- Brito, B. J. G. (2019). *Mulheres em ação: Alguns destaques da presença feminina no esporte Amazonense* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.
- Bonetto, P. X. R. (2019). Futebol e Copa do Mundo: uma experiência pedagógica fundamentada na educação física cultural. *Revista de Educação Popular*, 18(3), 109-126. <https://doi.org/10.14393/REP-v18n32019-47383>
- Clarkson, B. G., Cox, E., & Thelwell, R. C. (2019). Negotiating Gender in the English Football Workplace: Composite Vignettes of Women Head Coaches' Experiences. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, 27(2), 73-84. <https://doi.org/10.1123/wspaj.2018-0052>
- Costa, Y. L., & Abreu, R. O. (2016) Mulher E Futebol: Desigualdade de Gênero e a Influência Midiática. In *Resumos do Congresso Internacional de História*. Jataí, GO.

- Frase, K. J. (2021). *Against the Run of Play The History of Women's Football in Scotland 1960 to 2020*. Dissertação de mestrado não publicada. University of Stirling, Scotland. [https://dspace.stir.ac.uk/handle/1893/33549#](https://dspace.stir.ac.uk/handle/1893/33549#.YfmzVi2gRPM).YfmzVi2gRPM.
- Gelen, N. K., & Comert, E. (2021). Career Barriers of Women Managers in Women Football. *Pakistan Journal of Medical and Health Sciences*, 15(4), 1433-1437. <https://pjmhsonline.com/2021/april/1433.pdf>.
- Grace, A. N., & Mueller, T. S. (2019). Gender bias in sport media: a critical analysis of Twitter content and the National Football League's Carolina Panthers. *Journal of Gender Studies*, 28(3), 363-370. <http://doi.org/10.1080/09589236.2019.1568012>
- Goellner, S. V. (2005). Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 19(2), 143-151.
- Goellner, S. V. (2005). Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. 8(1), 85-100.
- Haag, F. R. (2018). "O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele": trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*, 9(14), 142-160.
- Januário, S. B. (2015). Modos de ver: a (in) visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. In *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo.
- Lewis, C. J., Roberts, S. J., & Andrews, H. (2018). 'Why am I putting myself through this?' Women football coaches' experiences of the Football Association's coach education process. *Sport, Education and Society*, 23(1), 28-39. <http://doi.org/10.1080/13573322.2015.1118030>
- Magalhães, F. F., Bonfim, M. P., Soares, J. M. M. V., & Silva, C. T. (2021). Campeonato de gênero: uma comparação entre eficiência e salário de jogadores e jogadoras no futebol profissional. *Revista Intercontinental de Gestão Desportiva*, 11(3), 1-17. <https://doi.org/10.51995/2237-3373.v11i3e110019>.
- Marques, M. P., & Samulski, D. M. (2009). Análise da carreira de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento de carreira. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 23(2), 103-119.
- McGowan, L. (2019). Women's association football (soccer) in Brisbane, Queensland 1921–1933: new perspectives on early competition. *Sport in History*, 39(2), 187-206. <http://doi.org/10.1080/17460263.2019.1602075>
- Muñoz, S. P., Calle, R. C., Muñoz, A. S., Cayetano, A. R., Ramos, J. M. M. Blanco, J. M. F., & Sáez, C. C. (2018). ¿Por qué juego al fútbol si soy una mujer?: Motivaciones para jugar al fútbol. *Retos*, 34, 183-188.
- Nuhrat, Y. (2021). 'Girls on the field' in Turkey: negotiating gender anxieties and norms through football. *Sport in Society*. <http://doi.org/10.1080/17430437.2021.1904903>.
- Oliveira, M. G., & Maldonado, D. T. (2020). Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a educação física no ensino médio. *Motrivivência*, 32(63), 1-21. <http://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73498>.
- Pisani, M. D. S. (2014). Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. *Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, (14). <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1621>
- Rossi, M. R., Vitorino, L. M., Salles, R. P., & Cortez, P. J. O. (2016). Estratégias de coping em atletas de futebol feminino: estudo comparativo. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 22(4), 282-286. <https://doi.org/10.1590/1517-869220162204160572>
- Rossing, N. N., Mogensen, C. G., Pedersen, M. M., & Martin, L. J. (2020). Coincidence and conditions: An in-depth case study of a successful age group within a grassroots football club. *Journal of Applied Sport Psychology*, 1-36.
- Salomão, R. L., Otoni, G. P., & Barreira, C. R. A. (2014). Atletas de base de futebol: a experiência de viver em alojamento. *Revista Psico-USF, Bragança Paulista*, 19(3), 443-455. <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003007>
- Salvini, L., & Marchi Junior, W. (2013). Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990. *Movimento*, 19(1), 95-115. <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713006.pdf>.
- Silva, G. M., Santos, A. M., & Nakano, T. C. (2022). Aspectos Psicológicos vivenciados por atletas de alto rendimento durante o período de isolamento social: um estudo exploratório. *Research, Society and Development*, 11(1), 1-12. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i1.24594>
- Soares, A. J. G., Melo, L. B. S., Costa, F. R., Bartholo, T. L., & Bento, J. O. (2011). Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 33(4), 905-921.
- Souza, L. M., Maux, A. A. B., & Rebouças, M. S. S. (2019). Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. *Revista de Abordagem Gestáltica*, 25(3), 282-293. <http://doi.org/10/18065/RAF.2019v25n3.7>
- Stahlberg, L. T. (2011). *Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.
- Strittmatter, A., & Skirstad, B. (2017). Managing football organizations: a man's world? Comparing women in decision-making positions in Germany and Norway and their international influence: a contextual approach. *Soccer & Society*, 18(1), 81-101. <http://doi.org/10.1080/14660970.2014.980733>
- Teixeira, F. L. S., & Caminha, I. O. (2013). Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. *Movimento*, 19(1), 265-287.
- Terossi, M. B., D'Angelo, A. P., & Stilli, D. A. D. B. (2009). Futebol e gênero: a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres, 3(4), 131-146.
- Witter, J. S. (1990). *O que é futebol*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Wood, D. (2018). The beautiful game? Hegemonic masculinity, women and football in Brazil and Argentina. *Bulletin of Latin American Research*, 37(5), 567-581. <https://doi.org/10.1111/blar.12633>